

Loucura, espiritismo e obsessão: práticas de intervenção psiquiátrica/espírita na cidade de Uberaba-MG (1933-1980)

Raphael Alberto Ribeiro *

Resumo:

A legitimação do espiritismo no Brasil foi marcada, em boa parte de sua história, pelas práticas assistencialistas. O imaginário de que os espíritas são pessoas caridosas ajudou a diluir a carga negativa que circunda entorno desta religião, vista por muitos como doutrina diabólica, que “mexe” com espíritos. A perspectiva deste trabalho é pensar o cuidado que esta religião destinou ao tratamento da loucura. Desta perspectiva, será focado o Sanatório Espírita de Uberaba/MG, criado em 1933 e mantido pelos espíritas. O inusitado desta instituição é o fato de que o psiquiatra era também espírita e promovia um tratamento no viés desta religião, o que não ocorria nas diversas outras cidades brasileiras.

Madness, spiritism and obsession: Practices of psychiatric intervention and spiritualist in the city of Uberaba-MG (1933-1980)

Abstract

The spiritism legitimation in Brazil was marked, in good part of its history, by the care practices. The imaginary that the spiritualists are charitable people helped to dilute the negative load that circles I spill of this religion, seen for many as diabolical doctrine, that “teases” spirits. The perspective of this work is to think the care that this religion destined to the madness treatment. From this perspective, it will be focused the Sanatório Espírita de Uberaba/MG, created in 1933 and kept by the spiritualists. The unused of this institution also is the fact that the psychiatrist was spiritualist and promoted a treatment in perspective of this religion, what did not occur in the several other Brazilian cities.

Com a parafernália do mundo moderno, tecnificado e racionalizado, os avanços da medicina, as discussões sobre os direitos humanos têm modificado o tratamento da loucura, um tema sempre recorrente em nossa sociedade. Tratando-se de uma problemática que é anterior ainda à Idade Clássica, as diversidades dos sintomas emocionais e mentais estão na pauta do dia e são discutidos abertamente, seja por meio do mercado editorial das revistas, seja pelas ondas do rádio ou via satélite em programas de TV.

Apesar das inúmeras questões levantadas sobre os portadores de transtornos mentais, faz-se, ainda, necessário repensar os poderes e saberes que contribuíram para forjar a figura do louco e criar espaços e mecanismos de repressão àqueles que fugiam aos padrões de normalização.

Na sociedade brasileira, o século XX se responsabilizou por travestir o louco, personagem popular de qualquer cidade do interior, solto pelas ruas, em alguém

* Mestre e doutorando em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia.

extremamente perigoso, sujeito doente, devendo ser trancafiado em sanatórios e hospícios por uma vida inteira. Entretanto, paradoxalmente, foi também, ao final do século passado que, por um projeto de um deputado, Paulo Delgado (PT-MG), o Brasil tem assistido à “discriminalização da loucura”, com uma nova proposta, mais humanitária, menos violenta, de tratar os problemas psiquiátricos.

Nesse sentido, este projeto, retomando uma intensa pesquisa apresentada em uma dissertação de mestrado defendida por mim, pretende desvendar o tratamento dado pelo poder público e assistência social à loucura, culminando com sua institucionalização.

O interesse inicial pela pesquisa surge numa perspectiva peculiar, a saber, o envolvimento de espíritas no tratamento à loucura. Tendo como foco de análise a cidade de Uberaba e o Sanatório Espírita, fundado em 1933

As discussões concernentes à loucura e o seu tratamento há muito tempo já são bastante discutidas, mas o fato do enorme envolvimento de espíritas em seu tratamento despertou um forte interesse de inúmeros pesquisadores. Refletir acerca da trajetória espírita, seu campo de atuação na busca de cura aos transtornos mentais, promovendo práticas de assistencialismo nos faz vislumbrar um vasto campo de pesquisa e perspectivas de análises.

Toda história da loucura, (re)contada nas vastas obras vastas sobre o tema hoje existente tem algo em comum: a retirada dos tidos por “anormais” das ruas, da convivência com o mundo são, com o propósito não apenas de isolar o irracional do racional, mas de promover a sua cura. Fazem parte do imaginário popular, personagens “folclóricos”, divertidos, que, por serem loucos, fugiam das convenções estabelecidas pela cidade, levaram o riso às pessoas, recebendo em troca, de quando em vez, a chacota, o ultraje. O riso, a zombaria, os insultos freqüentes, mas, todavia, os insanos conviviam com os “normais” num espaço tênue entre o conflito e aceitação.

Até aí nenhuma novidade. Muitos historiadores, sociólogos, entre tantos outros pesquisadores que estudaram a institucionalização da loucura enfocaram estas questões. A escolha do tema é uma consequência dos inúmeros questionamentos levantados quando ainda eu estava no mestrado. Neste momento eu estudava a loucura na cidade de Uberlândia, tendo como foco de análise o Sanatório Espírita de Uberlândia. Entre tantas outras abordagens apontadas, uma enorme possibilidade se abre agora cursando o doutorado, a saber, a relação loucura e espiritismo na cidade de Uberaba.

Considerada a meca do espiritismo, a cidade de Uberaba vai se diferenciar das demais justamente por promover uma terapia espírita, fugindo do tratamento convencional. Esta

atitude promoveu intensos conflitos entre espíritas e com a maioria católica e de grupos de médicos locais.

O Sanatório Espírita de Uberaba (SEU) foi inaugurado em 31 de dezembro de 1933 por espíritas, frequentadores do mais antigo centro espírita da cidade, o *Centro Espírita Uberabense*. A construção do Sanatório começa em 1928 sob a responsabilidade do Dr. Henrique von Krüger Schröder, presidente do centro espírita.

Nesta cidade, como em Uberlândia e várias localidades do país, tal empreendimento não foi planejado por médicos, como ocorrera em outras cidades, mas por kardecistas. Estes adeptos desta doutrina religiosa foram os responsáveis pela construção do asilo e também da sua administração, mas a maior desta empreitada foi a dona Maria Cravo Modesto, conhecida como a *Dona da Caridade de Uberaba*. Uma história que se repete em quase todas as instituições assistencialistas espíritas. Esta kardecista, como é divulgado na imprensa espírita, dedicou sua vida na construção do SEU como “cumprimento à programação espiritual”, após *ter-se recuperado de uma enfermidade na perna e de processo obsessivo, quando foi atendida por Eurípedes Barsanulfo, o apóstolo de Sacramento*. (FERREIRA, 2008, p. 37) A sua participação não se restringia à administração do hospício, mas também atuava como médium, incorporando os espíritos obsessores, como acreditam os espíritas em se tratando de muitos casos da loucura.

O SEU que fora inaugurado com 60 leitos, através de contribuições da comunidade, possui hoje a capacidade de 160 pacientes, quase todos eles atendidos pelo SUS e, nela, trabalham aproximadamente 100 funcionários. *O hospital é referência na região para os tratamentos psiquiátricos, utilizando-se da terapêutica biológico-medicamentosa, da psicoterapia e grupal, bem como da terapêutica espírita*. (FERREIRA, 2008, p. 38). Num levantamento inicial que vai até 1983, passaram pelo SEU 24.472 internos. (BACELLI, 1987)

Desde a sua inauguração, o psiquiatra Inácio Ferreira, que residia na cidade de Uberaba, recebeu um convite para trabalhar no SEU. Inicialmente, a sua relação com a instituição era apenas para dar legitimidade ao funcionamento da instituição, por não incorrer no delito de medicina ilegal. Segundo relato do Inácio Ferreira, neste momento ele ainda tinha se tornado espírita.

Eu já frequentava o Sanatório como médico, vinha atender algum chamado e por vezes me assentava e esperava o término da sessão, para só então fazer o que era preciso. Muitas vezes quando eu chegava dona Modesta já havia visto o doente e Dr. Bezerra já havia passado suas orientações. Durante uma temporada minha função era mais pró-forma, para dar o nome “do médico” ao sanatório, pois era necessário um responsável. Outros foram convidados. Nenhum quis aceitar e eu aceitei. Durante um ou dois anos ocorreu deste modo.¹

¹ Esta referência concedida por Inácio Ferreira ao Dr. Elias Barbosa, diretor do SEU de 1993 a 2003, está preservada numa parte do sanatório, reservada à memória do psiquiatra Inácio Ferreira e não está datada.

A existência do sanatório Espírita de Uberaba e a sua eficácia em garantir o isolamento do louco remontam uma complexidade de ações. Mais ainda, as maneiras pelas quais as pessoas se posicionaram, se fizeram presentes, lutaram para que projetos higienizadores não ficassem somente no papel. Portanto, entender as relações de forças o imaginário delineado em torno da doença (TRONCA, 2000), dos portadores de transtornos mentais e do tratamento assistencialista, nos possibilita entender a maneira como os diversos setores da comunicação local se empenharam na transformação, limpeza e coordenação do espaço urbano. Em publicação em um jornal importante local a nota reverenciando a inauguração desta instituição.

Essa obra, iniciada e concluída por um grupo de espíritas é uma das mais frisantes demonstrações do elevado de filantropia do povo de Uberaba, que nunca negou o seu concurso às obras de caridade, sem olhar-lhes o matiz religioso ou a colocação política. (LAVOURA E COMÉRCIO, 1933)

Nestas disputas por reconhecimento social, é possível perceber também como os grupos distintos coadunam práticas quando lhes convém. Neste jogo de interesse, tem peso a posição social destes agentes, o que nos leva a aceitar que parte destes militantes espíritas conseguiram um espaço importante na mídia, ou até criando o seu próprio veículo de informação. O fato de alguns kardecistas estarem ligados à intelectualidade, mesmo que não seja um número significativo, reordenou a maneira de atuação dos crentes espíritas. O discurso destes militantes encontrou ressonância em camadas diferenciadas, se não como força hábil para a conversão religiosa, ao menos como garantia de serem respeitados. (DAMÁZIO, 1994)

Se por um lado a obra assistencialista satisfazia os interesses de camadas da população, por outro se acirrava um ambiente de intensos conflitos. Em um jornal católico é evidente as disputas pela memória e pela aceitação no espaço urbano.

A propaganda espírita caracterizava-se ultimamente entre nós, pela deslealdade sorrateira e manhosa, que evitava hipocritamente os ataques ao catolicismo, para se confundir com a Igreja verdadeira, e pescar em águas turvas. A seita diabólica envidava todos os esforços para ludibriar os incautos, procurando fazer-se passar por amiga e colaboradora do catolicismo, que deveria ter, portanto, todo o apoio dos bons católicos. Contudo, quem não vê que toda avalanche desencadeada pela propaganda espírita se está dissipando como um pouco de fumaça, sem deixar atrás de si senão um punhado de Centros, que se vão destruindo como trastes carunchados e bolorentos? (CORREIO CATÓLICO, 1941)

As disputas eram bem frequentes, conflitos estes expressos abertamente na mídia, nos mostrando a relação tensa entre católicos e espíritas. Em resposta à nota acima, o médico Inácio Ferreira dispara:

O Correio Católico, local, há vários meses vem fazendo algumas considerações a respeito do Espiritismo. Enquanto procurou analisar os ensinamentos kardecistas, com linguagem à altura de um jornal católico, embora interpretando a seu bel prazer e embora dando a algumas notinhas mais pesadas, eu como espírita que me prezo de ser, responsável por um Sanatório espírita, por uma instituição de moços espíritas e empregando o pouco que me resta de tempo, em outros setores da doutrina, não liguei nenhuma importância porque, obrigado a lutar pelo pão de cada dia, o que não acontece com as ordens de padres que vivem à custa do auxílio alheio, não podia perder tempo em ajudá-los a segurar a peneira com que pretendem a tapar o sol... ALTO LÁ SRS. VIGÁRIOS. Quem está agora, derrubando a máscara com que vivem no carnaval das liturgias, com fantasias apropriadas, não somos nós espíritas, que jamais aceitamos o catolicismo, seita que se foi organizando com o tempo, para só abraçarmos o cristianismo, ensinado pelo Cristo, hoje desvirtuado pelos comerciantes, por detrás de um verdadeiro balcão, sem ao menos pagar impostos. (FERREIRA, 1941)

Nas décadas de 1930 e 1940, encontramos também no cenário nacional sérias disputas de médicos com espíritas pelo discurso científico. Certos segmentos da psiquiatria chegaram a afirmar os prejuízos psíquicos que as práticas espíritas podiam ocasionar, como está presente na fala do psiquiatra Pacheco e Silva:

Em nenhum país do mundo, talvez, a influência nefasta do espiritismo, se exerça com tamanha intensidade sobre a saúde mental do povo como ocorre entre nós, o que se deve a um número de fatores que começam a ser estudados e conhecidos pelos psicólogos, psiquiatras e sociólogos que se têm entregue ao estudo do problema. Nas grandes cidades, como nas pequenas vilas do interior do país, proliferam, em todos os cantos, numerosos centros espíritas, atraindo um número intenso de pobres criaturas, incultas e crédulas, que se deixam facilmente arrastar pelas mais absurdas idéias, persuadidas de que no espiritismo podem encontrar soluções felizes para remediar as mais precárias situações financeiras, para restituir a saúde a doentes incuráveis, e ainda para rever entes queridos mortos. (PACHECO e SILVA, 1942, p. 5)

Em seu discurso, o médico mostra que o espiritismo e todos que exerciam a cura que não fosse pela medicina representavam uma ameaça para a suposta hegemonia da psiquiatria. Nesta disputa, a utilização de termos como incultos, superstição, rituais, estão presentes quando intencionam desqualificar outras práticas, claramente percebidas nas falas de médicos a respeito de práticas de curas não aceitas pela medicina convencional e, também, nas justificativas dos kardecistas, quando não querem ser confundidos com os cultos afro-brasileiros. Como já mencionamos, muitos espíritas faziam parte da representação política e compunham os setores da imprensa e da intelectualidade, como foi o caso do Sanatório Espírita de Uberaba, administrado por um psiquiatra e espírita, que utilizava o tratamento defendido por esta doutrina religiosa. Novamente o psiquiatra Inácio Ferreira responde num de seus livros que intenta provar a cientificidade da terapia espírita:

O maior erro da medicina oficial terrena é julgar que o túmulo é a última etapa dos seus esforços...

Enquanto persistir nesse engano, terá que se curvar perante muitos casos e muitas doenças perfeitamente explicáveis, mas que seu entendimento ainda não aceita.

E não aceita por quê?

Simple e unicamente porque não investiga além das catacumbas. Se ela aí penetrasse, guiada pela luz da razão, por seu raciocínio correto, veria o deslumbramento que se lhe oferece além das trevas, além-túmulo, e poderia divisar todo o esplendor e todas as explicações necessárias para quase tudo aquilo que a perturba e se opõe à sua marcha sublime e triunfante! (FERREIRA, 1993, p. 51-52)

Antes de Inácio Ferreira, outro médico já defendia o tratamento psiquiátrico pelo espiritismo. Adolfo Bezerra de Menezes (1831-1900), presidente da FEB em 1895 e um dos articuladores do periódico *O Reformador*, escreveu um livro intitulado *A Loucura Sob um Novo Prisma*, defendendo a matriz das doenças e da insânia advindos da espiritualidade e de traumas vividos supostamente em outras reencarnações. Na literatura espírita, este personagem foi figura central para a difusão da religião espírita, sendo alguém recorrentemente evocado pelos fiéis kardecistas.

Não é somente a religião espírita que se deve focar, instituição que administrava o Sanatório Espírita de Uberaba, mas perceber como o jogo de interesses entre os diversos segmentos sociais possibilitou o funcionamento da instituição em questão e, se possível, relacionar com outras casas assistencialistas que apresentaram caráter semelhante com o hospício.

É possível verificar que, em inúmeras cidades, mesmo não existindo um asilo específico para a loucura, comunidades assistencialistas preencheram a ausência de psiquiatras e hospícios. Foi assim com as construções dos vários hospitais chamados de Santa Casa de Misericórdia, administrada pelos católicos (MACHADO, 1978) e de hospícios dirigidos por espíritas. (STOLL, 2002.)

A investigação da trajetória do Sanatório Espírita de Uberaba permite pensar não somente uma cidade em constante movimento, em sua cultura e nos modos de vida destas pessoas que organizam e criam seus próprios significados, mais ainda, podemos enxergar a confluência das vertentes de pensamento no Brasil, relacionando-os com as representações do universo simbólico dos adeptos kardecistas, associados às práticas do tratamento da loucura, a fim de aludir ao processo histórico, delineados por grupos sociais, causadores de tantas injustiças e desmandos com os portadores de transtornos mentais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FERREIRA, Inácio. **Novos rumos à medicina**. v. I . São Paulo: Edições FEESP, 1993.
- _____. **Novos rumos à medicina**. v. II . São Paulo: Edições FEESP, 1993.
- _____. **Psiquiatria em face da reencarnação**. São Paulo: Edições FEESP, 2001.
- KARDEC, Allan. **Viagem Espírita em 1862**. São Paulo: O Clarim, s/d,
- _____. **O livro dos espíritos**. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1996.
- _____. **O Livro dos Médiuns**. Araras/SP.: Editora da FEB, 1996.
- _____. **Obsessão**. Casa Editora O Clarim: Matão SP. 1986.
- MENEZES, Adolfo Bezerra. **A Loucura Sob um Novo Prisma**. Rio de Janeiro: FEB, 1936.
- ALBUQUERQUE, J. A. Guilhon . **Metáforas da desordem**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- ALEM, João Marcos. **Caipira e country: a nova ruralidade brasileira**. 1996. 266 f. Tese (Doutorado em História)-Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996
- ANTUNES, Eleonora Haddad; BARBOSA, Lúcia Helena Siqueira; PEREIRA, Lygia Maria de França (orgs.). **Psiquiatria, loucura e arte – fragmentos da história brasileira**. São Paulo: Edusp, 2002.
- BIRMAN, Joel. **A psiquiatria como discurso da moralidade**. Rio de Janeiro: Graal, 1978.
- BOARINI, Maria Lúcia (org.) **Higiene e raça como projetos – higienismo e eugenismo no Brasil**. Maringá: EDUEM, 2003.
- CASTEL, Robert. **A ordem psiquiátrica: a idade de ouro do alienismo**. Rio de Janeiro: Graal, 1978.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural – entre práticas e representações**. Lisboa: Edifel, 1987.
- CUNHA, Maria Clementina Pereira. **O espelho do mundo – Juquery, a história de um asilo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- _____. **Cidadelas da ordem**. São Paulo: Brasiliense, 1990
- DAMÁZIO, Sylvania, F. **Da Elite ao Povo: advento e expansão do espiritismo no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994
- ENGEL, Magali Gouveia. **Os delírios da razão – médicos, loucos e hospícios (Rio de Janeiro, 1830-1930)**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir – história da violência nas prisões**. Petrópolis: Vozes, 1977.
- _____. **Doença mental e psicologia**. Rio de Janeiro: Tempo Universitário, 1984.
- _____. **História da loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- _____. **O Nascimento da Clínica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- GIUMBELLI, Emerson. **O cuidado dos mortos: uma história da condenação e legitimação do espiritismo**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.
- JURKEVICS, Vera Irene. **Crenças e vivências espíritas na cidade de Franca (1904-1980)**. Franca: UNESP (Faculdade de História, Direito e Serviço Social), 1998. (Dissertação de Mestrado)
- LEWGOY, Bernardo. **Chico Xavier, o Grande Mediador – Chico Xavier e a cultura brasileira**. Bauru: Edusc, 2004
- MACHADO, Maria Clara Tomaz. **A disciplinarização da pobreza no espaço urbano burguês: assistência social institucionalizada (Uberlândia – 1965 a 1980)**. São Paulo: Universidade de São Paulo/FFLCH, 1990. (Dissertação de Mestrado)
- MACHADO, Roberto. **Danação da norma**. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

MUCHAIL, Salma Tannus. **Foucault, simplesmente** – textos reunidos. São Paulo: Edições Loyola, 2005

O'BRIEN, Patrice. "A história da cultura de Michel Foucault." In: Hunt, Lynn (org.) **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992,

PACHECO e SILVA, A. C. A Higiene mental e o espiritismo. Revista de medicina, São Paulo, n. 26, set., 1942

PEREIRA, Lygia Maria de França. Os Primeiros sessenta anos da terapêutica psiquiátrica no estado de São Paulo. In: ANTUNES, Eleonora Haddad; e outros (org.). **Psiquiatria, Loucura e Arte**. São Paulo: Edusp, 2002.

PETERS, Carlos Eduardo Marotta. **Asilo espírita "Discípulos de Jesus" de Penápolis: a loucura no cotidiano de uma instituição disciplinar (1935-1945)**. 2000. 149 f. Dissertação (Mestrado em História), UNESP, Assis/SP: 2000.

RIBEIRO, Raphael Alberto; MACHADO, Maria Clara Tomaz. Almas Enclausuradas: práticas de intervenção médica, obsessão e loucura no cotidiano do Sanatório Espírita de Uberlândia/MG (1932-1970). In: ISAIA, Artur César (org.). **Orixás e espíritos: o debate interdisciplinar na pesquisa contemporânea**. Uberlândia: Edufu, 2006.

SILVA, Eliane Moura. O espiritismo no século XIX. **Textos Didáticos**. Campinas: IFCH/Unicamp, nº 27/ago, 1999,

SILVA, Fábio Luiz da. **Espiritismo: história e poder (1938-1949)**. Londrina: Eduel, 2005.

SILVA, Raquel Marta da. **Chico Xavier: imaginário religioso e representações simbólicas no interior das Gerais - Uberaba, 1959-2001**. 2003. 269 f. Dissertação (Mestrado em História) Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003

STOLL, Sandra Jacqueline. **Entre dois mundos: o espiritismo da França e no Brasil**. São Paulo: USP (FAFICH). 1999. (Tese de Doutorado).

TRONCA, Ítalo. **As máscaras do medo**. Campinas: Ed. Unicamp, 2000.

WADI, Yonissa Marmitt. **Palácio para guardar doidos - uma história das lutas pela construção do hospital de alienados e da psiquiatria no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 2002.